

Macumba? Isso é coisa de preto!¹

Representação das religiões de matriz africana e identidade étnico-religiosa no Brasil

Ronilda Iyakemi Ribeiro²

Nunca é demais lembrar que circunstâncias históricas asseguraram liberdade apenas formal aos africanos escravizados, pois foram acompanhadas de condições de exclusão sistêmica, reforçadas pela imigração européia, que deslocou a mão-de-obra negra do mercado de trabalho emergente para o mercado informal. Tal exclusão, social e econômica, favoreceu o fortalecimento de estereótipos negativos da África, dos africanos e seus descendentes.

Quando consideramos os complexos religiosos de matriz africana, observamos que possuem duas grandes vertentes: a que deu origem aos candomblés e xangôs e a que originou os candomblés *de caboclo* e os *de Angola*, tendo sido nesse contexto que surgiu, no Rio de Janeiro, a Umbanda, originalmente denominada Macumba, religião que assimilava elementos de múltiplas origens, num processo de reelaboração de ritos, mitos e símbolos.

Pois bem. Como todo praticante de religião constrói para si uma *identidade étnico-religiosa*, os praticantes das religiões de matriz africana também constroem a sua. Ocorre que esse processo de construção identitária sofre marcas das relações estabelecidas entre maioria e minoria e, num contexto em que a identidade branca/cristã veio a constituir-se em modelo identificatório hegemônico e o segmento branco foi (e continua sendo) apresentado como “maioria”, tal identidade tornou-se marco de referência para os demais grupos religiosos. Nessa conjuntura que favorece a “diluição identitária”, particularmente por incluir pessoas ou grupos com dificuldades para conquistar e/ou manter autonomia

¹ Breve resumo do trabalho RIBEIRO, R. I. *Macumba? Isso é coisa de preto! Representação das religiões de matriz africana e identidade étnico-religiosa no Brasil*. Comunicação apresentada pelo GT Psicologia e Religião, em Sessão Coordenada (coord: Geraldo José de Paiva), no 4o. Seminário Psicologia e Senso Religioso - A Representação na Religião: processos psicológicos individuais e psicossociais, IX Simpósio da ANPEPP – Estreitando laços com a realidade brasileira. São Paulo, agosto/2002

² Doutora em Psicologia e Antropologia. Docente e pesquisadora do Instituto de Psicologia da USP, presidente do Instituto Guatambu de Cultura.

econômica, social e política, dois caminhos mostram-se possíveis na hora da escolha religiosa: (1) incluir-se em grupos religiosos identificados com brancos/cristãos e que, supostamente, permitem superar a condição de excluídos; (2) incluir-se em grupos religiosos de matriz africana, o que muitas vezes expressa anseios de superação da condição de excluídos, através da busca de afirmação dos valores africanos a partir de um olhar afrocêntrico.

O primeiro desses caminhos exige, muitas vezes, maior renúncia de si e do grupo de pertença étnico-racial e maior aceitação de representações coletivas hegemônicas enquanto o segundo caminho implica em maior investimento sobre si mesmo, menor adesão à norma dominante e a representação de pertença a um único grande grupo, constituído de africanos e seus descendentes, estejam eles no continente de origem ou em países da diáspora.

Estudos sobre a história geral dos povos africanos, no continente e na diáspora, permitem vislumbrar veios de comunicação que unem todos nós negros, seja qual for o índice de melanina que tinja nossas peles. E as divindades do panteão africano, que constituem, nesses espaços religiosos, modelos identificatórios negros desejáveis, num contexto social carente desses modelos, favorecem a construção de identidades afrodescendentes positivamente afirmadas.